

MARINA CRETTON CARVALHO

GRINGOS HERMANOS

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Novembro/2019

MARINA CRETTON CARVALHO

GRINGOS HERMANOS

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Mariana Lopes Bretas

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Novembro/2019

Memorial intitulado *Gringos Hermanos*, de autoria da estudante Marina Cretton Carvalho, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Mariana Lopes Bretas - Orientadora e Professora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra - Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Prof. Janaína Beatriz Souto Simen - Professora do Colégio Cenecista Nossa Senhora das Graças e do Instituto de Educação de Miracema

Viçosa, 20 de novembro de 2019

RESUMO

O livro-reportagem “Gringos Hermanos” é um projeto experimental produzido na disciplina COM 490 - Trabalho de Conclusão II, como Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. O objetivo deste livro é debater sobre a identidade-cultural latino-americana e o posicionamento do Brasil dentro do contexto da América Latina. O livro foi desenvolvido com depoimentos de latino-americanos e brasileiros, que apresentaram opiniões e pontos de vista a respeito de temas ligados a identidade, nacionalismo, arte, cultura e história. O trabalho tem como objetivos principais informar e inspirar a reflexão a respeito de uma temática que é apresentada como atuante na vida dos leitores tanto no nível cotidiano como em níveis globais, além de explicitar a importância de se debater o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Livro; América Latina; Identidade.

ABSTRACT

The book "Gringos Hermanos" is an experimental project produced in the discipline COM 490 - Completion Work II, as A Work of Completion of the Social Communication Course - Journalism of the Federal University of Viçosa. The aim of this book is to discuss the Latin American cultural identity and the positioning of Brazil within the context of Latin America. The book was developed with testimonials from Latin Americans and Brazilians, who presented opinions and views on topics related to identity, nationalism, art, culture and history. The main objectives of this work are to inform and inspire reflection on a theme that is presented as active in the lives of the readers both at the daily lives and at global levels, besides explaining the importance of debating that theme.

KEY-WORDS: Book; Latin America; Identity.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	06
2. METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO	09
2.1. Livro-reportagem e jornalismo literário	09
2.2. Identidade cultural e nacionalismo	10
2.3. A disposição dos depoimentos	13
3. RELATÓRIO TÉCNICO.....	14
3.1. Pré-produção.....	15
3.2. Entrevistas	16
3.3. Escrita	20
3.4. Ilustrações	22
3.5. Diagramação e finalização	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26
6. ANEXO.....	27

1. APRESENTAÇÃO

O livro-reportagem “Gringos Hermanos” que compõe o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV) é construído por meio de depoimentos e pesquisa para discutir a relação do Brasil com a América Latina em diversos aspectos.

A concepção do trabalho foi concebida como um projeto paralelo durante a disciplina de TCC I, no primeiro semestre de 2019. Primeiramente, ele tinha como intenção ser feito em formato de documentário. A ideia de fazer um vídeo que tratasse de questões latino-americanas nasceu do intuito de participar do concurso Plural + da Organização das Nações Unidas (ONU), que tinha como formato exigido um produto audiovisual.

Para participar deste concurso, era preciso criar uma produção de até cinco minutos que tratasse sobre temas relacionados a diversidade cultural, xenofobia e diferenças sociais. Desta premissa, surgiu a ideia de falar sobre a posição do Brasil na América Latina, mais especificamente, sobre a noção de identidade que os latino-americanos possuem de si mesmos e como o brasileiro, como também latino-americano, se sente deslocado dentro dessa divisão geográfica, histórica, cultural e identitária.

A inspiração para esse tema surgiu de uma entrevista que realizei com um colombiano para um trabalho uma das disciplinas do curso anteriormente. Na ocasião, ele comentou que em seus quatro anos morando no Brasil, ele conseguiu perceber que o brasileiro não se identificava como latino-americano, mas sim com outros países como Estados Unidos e outros da Europa. Para ele, em momento nenhum o brasileiro se autodenominava latino-americano, apesar de saber que o Brasil compõe a América Latina. Por meio deste comentário, surgiu a possibilidade de averiguar sua veracidade, questionar os motivos porque que isso acontece e apresentar conclusões e opiniões sobre essa realidade. Durante a graduação, tive proximidade e afinidade com temas voltados para política e relações internacionais, fazendo algumas disciplinas optativas voltadas a aprender mais sobre o assunto e produzindo, sempre que possível, trabalhos acadêmicos relacionado aos mais variados temas internacionais.

Com esse panorama, o trabalho de realização do vídeo para o concurso começou paralelamente às minhas orientações de TCC. Depois de iniciado o processo de pesquisa tanto para o vídeo do concurso quanto para a proposta de TCC que havia apresentado à orientação,

a possibilidade de expandir o vídeo do concurso para o produto do TCC me foi sugerida por uma amiga. Após analisar as possibilidades de expandir o projeto, abrir mão da proposta anteriormente, definir as necessidades técnicas, conversei com a minha orientadora e a ideia foi aceita e incentivada. Neste momento também passei a receber co-orientação do técnico de audiovisual do curso.

O primeiro projeto apresentado à orientadora, e o qual ela aceitou ministrar minha orientação, foi um livro-reportagem que discutisse o mercado editorial literário brasileiro, e abordaria questões como grandes editoras, pequenas editoras, editoras e autores independentes, crise econômica dentro deste setor, panorama histórico da indústria literária no Brasil e outras questões acerca do tema.

Com a mudança de tema e formato definida, a primeira proposta passou a ser a construção de uma série de vídeos que tratasse de questões sociais globais. Como os vídeos para o concurso tinham um limite de tempo de cinco minutos, ficou definido que o padrão seria o mesmo. Dentro dessa minutagem, propôs-se uma série de cinco vídeos de cinco minutos cada. Dentro das questões globais, foram sugeridas o tema do vídeo do concurso, América Latina; também era de interesse a questão dos refugiados, que poderia ser ampla ou reduzida aos refugiados venezuelanos; e os outros três vídeos precisavam ser definidos especificamente os temas, mas foram sondadas questões relacionadas a arte e problemas ambientais.

Enquanto definia os temas, pensei na possibilidade de reduzir o tema para questões relacionadas exclusivamente à América Latina, com intuito de correlacionar melhor os vídeos entre si e aprofundar os temas discutidos, uma vez que os vídeos poderiam se referenciar dentro da série. Em outra conversa, com uma veterana formada no curso com quem trabalhei que apresentou um TCC audiovisual no final de sua graduação, ela me recomendou a segunda opção, afunilar o tema. Dessa forma, eu poderia aproveitar melhor o material bibliográfico, a série teria mais identidade e os temas seriam melhor debatidos. Por fim, o processo de produção como um todo seria otimizado.

A proposta foi novamente aceita pela orientadora. Na última reunião de orientação, entretanto, depois de apresentar o vídeo que foi feito para o concurso e cujo material foi reaproveitado para o TCC, ela me sugeriu, ao invés de fazer uma série de vídeos curtos com apenas depoimentos, que eu teria muito mais possibilidades de discussão e aprofundamento se eu, primeiro, transformasse a série em um produto único e mais extenso, e que, ao contrário

do proposto primeiramente, não trazer apenas depoimentos, mas sim dados e entrevistas com pesquisadores dos temas discutidos.

Por decorrência de limitações técnicas e a deficiência que eu teria de transformar minha proposta em um produto audiovisual, optei por, novamente trocar de formato, mas manter o tema.

Enquanto audiovisual, o projeto precisaria cumprir seu papel de ter apelo de imagens e recursos visuais e sonoros que justificassem sua execução em tal formato. Durante a produção, entretanto, percebi que seria muito difícil enriquecer o documentário com imagens relevantes e atrativas, que conversassem com os depoimentos, quando eu, enquanto repórter, não estaria nos lugares dos quais as fontes ou eu mesma abordaria, por meio dos depoimentos ou do roteiro. Essa deficiência me desestimulou a continuar com um trabalho que não mais representaria o que eu gostaria de início e nem respeitaria as especificidades que o formato audiovisual proporciona.

Portanto, a escolha pelo livro-reportagem, mantendo o tema, veio com a intenção de aproveitar a ideia de recorrer a depoimentos e ainda com a vantagem de ampliar a discussão, trazendo novas camadas e informações que o jornalismo literário proporcionaria, ao contrário de um documentário.

De acordo com Pena (2006), o jornalismo literário proporciona um trato diferenciado dos temas e que como uma de suas características básicas, exige do jornalista uma atenção especial à escolha do tema que possui um maior “compromisso com a sociedade. Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (PENA, 2006, p. 14). Diante disso, a escolha do tema atrelou-se a natureza do jornalismo literário e firmou-se no formato de livro-reportagem.

Também para Pena (2006), a definição do tema para um livro-reportagem é de extrema importância uma vez que,

“Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do

enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação” (PENA, 2006, p.15),

portanto, discutir as questões da América Latina e identidade-cultural atravessa a necessidade imediata, apesar de também relevante e necessária, e guarda em si um alcance espaço-temporal maior.

Ao fim, o trabalho entregue no final das disciplinas de TCC são o livro-reportagem “Gringos Hermanos” e este memorial descritivo do processo de produção, que será melhor detalhado adiante.

2. METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

Como descrito anteriormente, o concurso Plural + da ONU tinha como tema amplo questões relacionadas a migração, xenofobia, diversidade cultural e diferenças sociais. Esse espectro foi muito favorável na hora de decidir sobre o que tratar no vídeo. A partir disso, quis escolher um tema que fosse atual, pouco debatido no cotidiano e que tivesse bastante impacto nas mais diversas esferas: social, política, econômica, cultural e demais.

Ao optar pelo livro-reportagem, o formato me proporcionou uma nova configuração discursiva sobre o assunto.

2.1. Livro-reportagem e jornalismo literário

Para Lima (2004), o livro-reportagem é o formato ideal de aprofundamento temático e de discussão dentro do jornalismo, uma vez que elimina “parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais de comunicação jornalísticos” (LIMA, 2009, p. 4).

Ainda segundo o autor, e principal motivação para aderir novamente este formato, o autor de um livro-reportagem tem como único compromisso “a sua própria cosmovisão e com o esforço de estabelecer uma ligação estimuladora com seu leitor” (LIMA, 2009, p.84), portanto, a discussão poderia ser discutida além do nível informativo e objetivo, pautado no

factual, e adentrar em níveis interpretativos, que era o objetivo ao atrelar a reportagem com as vivências subjetivas e individuais dos entrevistados.

Lima (1998) também defende a multidisciplinaridade que o jornalismo praticado na grande-reportagem seja explorado. “Irreverente e rompedor de fórmulas e chavões em alguns casos, o livro-reportagem exerce função recicladora da prática jornalística, porque ousa incorporar contribuições conceituais e técnicas provenientes de áreas como a literatura e a história” (LIMA, 1998, p. 8).

Com a recordação da fala do colombiano, que citei na “Apresentação”, pensei que me aprofundar em esmiuçar todos os fatores que poderiam ter influenciado sua fala seria interessante para se discutir em uma produção jornalística.

Portanto, de imediato, o tema me ofereceria aquilo que eu procurava. Tratar especificamente sobre a identidade dos latino-americanos ajudaria a formar uma compreensão melhor de que identidade seria essa, que fatores a teriam construído e, diante deste levantamento, tentar compreender porque o brasileiro se sente deslocado dessa classificação.

2.2. Identidade-cultural e nacionalismo

Dois conceitos permeiam tematicamente todo o livro-reportagem: discussão sobre as identidades e suas coexistências e também o nacionalismo. Dentro do conceito de identidades, escolhi as visões de Stuart Hall, que enxerga a identidade e a cultura como um conjunto indissociável e que age duplamente tanto no interior quanto no exterior dos indivíduos

“entre entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural” (HALL, 1992, p. 11).

Desta forma, eu conseguiria extrair dos entrevistados tanto suas experiências individuais e sua subjetividade enquanto indivíduo como também a representação de a cultura e as identidades macro poderia agir sobre ele.

Dentro de sua concepção de que na modernidade as identidades nacionais representam a principal fontes da identidade cultural, entender que o contexto criado pelos projetos de

nacionalização da América Latina evidenciou e ainda evidencia uma dualidade dentro do indivíduo latino-americano, a primeira vista, que carrega dentro de si todo o sentimento que a identidade nacional pode proporcionar, mas, ao mesmo tempo, identifica-se também como algo maior (HALL, 1992).

As concepções acerca de nacionalismo e a ideia de identidade nacional também foi permeando discussão durante todo o livro, uma vez que, ao discutir o afastamento do Brasil e dos brasileiros da América Latina, reflete-se sobre a preferência por determinada denominação que a outra, mesmo que a atitude não anule a existência simultânea.

Uma vez que entende-se o processo de criação de identidade, tanto forçada como espontânea,

“esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 1992, p. 13),

portanto, a identidade latino-americana além de ser um processo de emergência de uma nova sociedade, convive com outra criada e intencionalmente representada como a que mais devemos nos identificar.

Outro conceito de suma importância para o desenvolvimento de narrativa e raciocínio foi o nacionalismo, assim como a identidade nacional. Entender essas ideias e seus respectivos conceitos foram necessários para identificar como as identidades emergem no contexto latino-americano, tanto para construção da análise e da argumentação quanto para compreender melhor o teor dos discursos dos entrevistados, enquanto sujeitos e enquanto representantes de uma cultura e identidade maiores, que se refletem neles como indivíduos.

Nas ideias de Hall (1992), a criação de uma nação e do sentimento de pertencimento é voltado a uma narrativa, que tem por objetivo inflar a identificação, trazendo sujeitos individuais a se unirem em um contexto de compartilhamento e correlação. Tais definições foram usadas para compreender os planos nacionais pós-independência na América Latina e

suas consequências na construção das identidades, principalmente no contexto brasileiro. Hall não faz juízo de valor dessa narrativa, portanto, as formas de construção dela, e como são aplicadas em contexto de nação, também pode ser reciclada para a o conceito de identidade-cultural latino-americana, utilizando-se dos mesmos artifícios, que para ele consiste em “uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação” (HALL, 1992, p. 52).

Essas mesmas ideias foram usadas para traçar essa identidade-cultural e sua sensação de pertencimento. O questionamento ficou a cargo de questionar por que a identidade nacional se sobrepunha, em geral, e especialmente no Brasil, à identidade latina e que imaginários eram criados de forma a fomentar tal disposição.

Tais imaginários são, na definição de Maffesoli (2001), estabelecadores de “um vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual” (MAFFESOLI, 2001, p. 76). Essa concepção de imaginário no sentido coletivo veio justificar a escolha de por que comparar as opiniões e experiências individuais com a ideia de imaginário, uma vez que para o autor, as concepções não podem ser totalmente desvinculadas.

Ainda para Maffesoli, a cultura e o imaginário estão unidos, mesmo que em esferas diferentes, na arte, onde uma se manifesta de forma material (a cultura) e o outro de forma sensível (o imaginário). Suas ideias defendem que,

O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra - estátua, pintura - há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. Esta é a ideia fundamental de Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de “algo mais”, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário (MAFFESOLI, 2001, p.75),

por isso, a escolha por discutir o papel dos produtos culturais, em especial, as artes, como forma de refletir e criar uma ponte entre os indivíduos e a identidade latino-americana.

Expandindo o vídeo do concurso para o documentário do TCC, foi possível trazer informações, opiniões e detalhes que o vídeo de cinco minutos não permitiria. Desde o momento da pesquisa, da leitura bibliográfica e das primeiras entrevistas, além de uma percepção prévia, ficou claro que a questão identitária estava fortemente vinculada à História, à cultura, à política, à construção das sociedades e conhecimentos das pessoas comuns latino-americanas, especialmente dos brasileiros. A concepção de América Latina como um único bloco geográfico advém de diversos aspectos histórico-geográficos, a noção de identidade e cultura é bastante ampla dentro dos campos das ciências sociais e comunicação e a percepção das pessoas acerca desses conceitos e seu reflexo na vida cotidiana mostrou-se bastante pessoal e dependente do nível de conhecimento desses conceitos citados anteriormente que essa pessoa teria naquele momento.

2.3. A disposição dos depoimentos

A formatação do livro-reportagem por meio de depoimentos teve como objetivo dar espaço às pessoas latino-americanas compartilharem essas visões pessoais acerca de suas experiências em seu país de origem, no Brasil ou em qualquer outro país da América Latina e fora que pudesse fazer compreender melhor sua opinião sobre o tema tratado. A escolha das fontes será melhor explicada na seção “Relatório Técnico”. Entretanto, desde o início ficou claro a necessidade de trazer brasileiros juntamente com as pessoas de outras nacionalidades latino-americanas para criar um contraponto de opiniões. Mesmo que elas fossem complementares e parecidas de alguma forma, era necessário que um brasileiro desse seu ponto de vista a respeito do que um estrangeiro latino-americano dizia a respeito de sua nacionalidade, e vice-versa.

Por meio dessa construção, a proposta do livro-reportagem para este TCC visava discutir de forma aprofundada, por meio de pesquisas e depoimentos, essa visão que o brasileiro tem da América Latina, a que os outros latino-americanos têm do Brasil, o que caracteriza a América Latina, como e por que se inserir dentro dela e que consequências reais e imediatas vemos do resultado de todas as observações feitas a partir disso, permeado as noções de identidade cultural, nacionalismo, imaginários e cultura.

Diante do lugar que os sujeitos ocupam para debater tais temas, a escolha pela disposição de depoimentos de forma como se deu no livro-reportagem foi a iniciativa de criar

um ambiente de diálogo entre as fontes, que mesmo sendo entrevistadas separadamente, debateram sobre a mesma natureza de temas e foram apresentadas aos mesmos questionamentos, como será melhor detalhado mais adiante em “Relatório Técnico”. Dessa forma, as falas individuais de diferentes fontes puderam se complementar ou confrontar de forma a estruturar a narrativa, apresentando como os diferentes pontos de vista reforçam ou exemplificam de alguma forma a ideia debatida.

Dessa liberdade, utilizou-se a concepção de Lima (1998), na qual ele defende a flexibilidade do livro-reportagem em termos estruturais e temáticos. Para ele,

“é indispensável que o jornalismo avance para esses conhecimentos, se quiser manter algum papel social de contribuição para o real bem-estar humano. Como vejo pouquíssima possibilidade de a grande imprensa dar passos significativos nessa direção a curto prazo, o caminho está aberto ao livro-reportagem, que pode ousar e experimentar” (LIMA, 1998, p. 58).

Diante de tais circunstâncias, temáticas e de metodologia, que caracterizaram o processo de pré-produção e estudo, o livro-reportagem passou a se desenvolver em seus diferentes âmbitos que serão relatados a seguir.

3. RELATÓRIO TÉCNICO

Dentro do contexto apresentado a respeito da América Latina, identidade-cultural e do momento propício para tratar deste assunto, foram definidas as temáticas que a grande reportagem se propunha a tratar. Além da conceituação de identidade-cultural na modernidade, que tangenciou todo o trabalho, questões como nacionalismo, idioma, mídia, arte e vivência em regiões de fronteira, além de uma análise mais focada no contexto de Viçosa,

A partir das pesquisas bibliográficas prévias, que foi a primeira parte da organização para a execução do livro-reportagem, os conceitos e as temáticas a serem debatidos com as fontes foram definidos, dando seguimento a segunda parte do processo.

Além das entrevistas que foram para o livro-reportagem, também foram usadas aquelas feitas com pesquisadores do tema, além de dados e estatísticas que endossaram ou

refutaram o que for apurado. Portanto, o processo de construção do projeto se deu da seguinte forma: pré-produção, entrevistas, escrita, ilustração, diagramação e impressão.

3.1. Pré-produção

Esta foi a etapa de leitura e pesquisa sobre o conceito de identidade-cultural, dentro dos campos de conhecimento das ciências sociais, história, geografia, política e comunicação. O principal referencial teórico para este primeiro conceito foi o livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, de Stuart Hall, que trouxe o embasamento sociológico, além de “A condição pós-moderna” de Jean-François Lyotard. Outras obras de conceituação importantes foram o livro “América Latina: estruturas sociais e instituições políticas” de Jacques Lambert, para embasamento histórico e geopolítico e o artigo “Culturas híbridas, poderes oblíquos” de Néstor García Canclini, para discussão a respeito das mídias.

A partir destas primeiras leituras, ficaram definidas quais ideias que poderiam ser discutidas com os entrevistados. A necessidade era escolher fontes de realidades diversas, que contariam suas vivências e experiências pessoais morando na América Latina e suas percepções a respeito do Brasil dentro deste contexto.

Partindo de uma ideia apresentada e discutida por Hall em seu livro,

“A condição de homem (*sic*) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo - como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar (Scruton, 1986, p. 156)” (apud HALL, 1992, p. 48),

foi decidido que o corpo de entrevistados seria composto pela maior variedade de nacionalidades possíveis, tanto da América Central quanto da América do Sul, além de brasileiros que já tivessem tido algum tipo de contato com um ou mais países latino-americanos além do Brasil.

A quantidade de fontes se deu pelo planejamento temático, além da necessidade de encontrar um representante de cada país para relatar sua experiência enquanto representante de uma realidade maior. Os nativos dos países que entraram no livro-reportagem ganharam este espaço pela disponibilidade em conceder entrevistas e relevância de depoimento. A

escolha dos brasileiros também se deu pela localidade em que eles tiveram contato dentro da América Latina e a forma como essa vivência aconteceu em suas vidas.

Uma vez definidos os parâmetros, foi decidido que as entrevistas começariam ainda no momento de leituras e posteriormente aconteceriam simultâneas à escrita.

3.2. Entrevistas

Ainda lendo os referenciais teóricos e materiais de suporte, foram feitas cinco entrevistas. nas três primeiras, o projeto experimental ainda pretendia ser um documentário, portanto, tais entrevistas foram gravadas em vídeo e reaproveitadas como texto. As demais entrevistas já foram feitas com o formato livro-reportagem já estabelecido e pensadas para tal. A ordem e a qualidade das fontes se deu de forma tal:

- a) *Edwin Rodríguez, 45 anos, panamenho*: nascido na Cidade do Panamá, no Panamá, América Central. Doutorando de Entomologia na UFV e há três anos no Brasil. Também já estudou por dois anos na Costa Rica. Seus depoimentos trataram de sua percepção do Brasil dentro da América Latina além de suas próprias convicções a respeito de latinidade. Seus depoimentos também trataram da questão dos negros na Costa Rica, da questão do idioma e do papel da mídia no contexto latino-americano. Entrevista feita em 20 de maio de 2019. Aproximadamente 1 hora e 12 minutos de entrevista registrada em vídeo e áudio;
- b) *Lady Diana Choque, 20 anos, peruana*: nascida no Peru, graduanda de Arquitetura e Urbanismo na UFV e há um ano no Brasil. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, a questão dos indígenas latino-americanos atrelado à aparência e fenótipos. Entrevista feita em 31 de maio de 2019. Aproximadamente 39 minutos de entrevista registrada em vídeo e áudio;
- c) *Gabriel Stófel, 26 anos, brasileiro*: nascido no Brasil e graduando de Comunicação Social na UFV. Fez intercâmbio social em janeiro de 2019 para a Colômbia. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, suas experiências na Colômbia e questões de nacionalismo e

- identidade nacional. Entrevista feita em 1º de junho de 2019. Aproximadamente 27 minutos de entrevista registrada em vídeo e áudio;
- d) *Mariana Figueiredo, 24 anos, brasileira*: nascida no Brasil, fez um intercâmbio social para Costa Rica em 2015 quando cursava psicologia na Universidade Federal Fluminense. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, nacionalismo e latinidade. Entrevista feita em 12 de agosto de 2019. Feita por mensagem, resgistrada em notas;
- e) *Adelson Rojas, 34 anos, costarriquenho*: nascido em San Carlos, na Costa Rica, faz doutorado em Entomologia na UFV e mora no Brasil há dois anos. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina. Entrevista feita em 28 de agosto de 2019. Aproximadamente 35 minutos de entrevista registrada em áudio;
- f) *Gustavo Andreas, 26 anos, chileno*: nascido em Temuco, no Chile, fez intercâmbio para o sul do Brasil durante a graduação e agora faz mestrado há um ano na UFV. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina e a presença dos indígenas no Chile e seu impacto na identidade do país. Entrevista feita em 27 de agosto de 2019. Aproximadamente 31 minutos de entrevista registrada em áudio;
- g) *Grazielle Gonçalves, 23, brasileira*: nascida no Brasil e graduanda de Direito na UFV. Fez um intercâmbio cultural para o México em 2015 e passou lá um ano. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, sua experiência no México e a questão do idioma. Entrevista feita em 02 de setembro de 2019. Aproximadamente 1 hora e 11 minutos de entrevista registrada em áudio;
- h) *Laura Perez, 27 anos, cubana*: natural de Havana, capital de Cuba, mora no Brasil há um ano e faz mestrado em Ciência da Computação na UFV. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, a imagem de Cuba dentro do Brasil, influência das colonizações e da escravidão dos negros e a questão do idioma. Entrevista feita em 06 de setembro de 2019. Aproximadamente 53 minutos registrados em áudio;
- i) *Maribel Colmenares, 43 anos, venezuelana*: da capital Caracas, da Venezuela, está desde o início de 2018 cursando o doutorado de botânica na UFV. Seus depoimentos

trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, a imagem de Cuba dentro do Brasil, os negros na América Latina, o contexto particular de Viçosa, a situação política e social de seu país nos últimos anos e a expansão do consumo de produtos culturais latino-americanos com o advento da internet. Entrevista feita em 09 de setembro de 2019. Aproximadamente 45 minutos registrados em áudio (houve falha técnica e a gravação foi interrompida nesta minutagem);

j) *Ignacio Cazón, 37 anos, argentino*: morador de Córdoba, na Argentina, faz doutorado na UFV desde 2018. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, os negros na Argentina, a questão do idioma e a expansão do consumo de produtos culturais latino-americanos com o advento da internet. Entrevista feita em 13 de setembro de 2019. Aproximadamente 39 minutos registrados em áudio;

k) *Rafael Peluzio, 20 anos, brasileiro*: nascido no Brasil e graduando de Engenharia Elétrica na UFV. Fez uma viagem de carro passando pelo Uruguai, Argentina e Paraguai. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, suas vivências no Uruguai e na Argentina e a influência dos imigrantes europeus na identidade-cultural brasileira. Entrevista feita em 24 de setembro de 2019. Aproximadamente 42 minutos registrados em áudio;

l) *Isaac Mora, 19 anos, equatoriano*: nascido em Quito, no Equador, é graduando de Medicina Veterinária desde o início de 2019. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, sua vivência no Equador e a expansão do consumo de produtos culturais latino-americanos com o advento da internet. Entrevista feita em 25 de setembro de 2019. Aproximadamente 54 minutos registrados em áudio;

m) *Rafael Borges, 34 anos, brasileiro*: morador de Viçosa e funcionário da UFV, passou uma temporada de férias na cidade de Pedro Juan Caballero, no Paraguai, que faz fronteira com o Brasil no estado do Mato Grosso do Sul. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, a imagem do Paraguai dentro do Brasil, a questão do idioma, as diferentes relações em regiões de fronteira e sua vontade de mudar-se para algum outro país latino-americano. Entrevista feita em 26 de setembro de 2019. Aproximadamente 53 minutos registrados em áudio;

- n) *Ana Lidia Carhunck, 26 anos, brasileira*: nasceu, cresceu e ainda vive em Foz do Iguaçu, cidade do Paraná que faz fronteira com Argentina e Paraguai. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, nacionalismo e as vivências em uma região de tríplice fronteira. Entrevista feita em 27 de setembro de 2019. Feita por ligação, registrada em notas escritas e feita em conjunto com Maria Mariana;
- o) *Maria Mariana, 24 anos, brasileira*: nascida em Salvador, mudou-se para Foz do Iguaçu para estudar e ainda reside na cidade. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, o papel de ponte que a arte propõe, as vivências em uma região de tríplice fronteira, a expansão do consumo de produtos culturais latino-americanos com o advento da internet e a questão da mídia. Entrevista feita em 27 de setembro de 2019. Feita por ligação, registrada em notas escritas e feita em conjunto com Ana Lidia Carhunck;
- p) *Macaully Barcelos, 23 anos, brasileiro*: atualmente morando em Montevideu, no Uruguai, formou-se em Economia na UFV e durante a graduação fez um intercâmbio social na Venezuela. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, questões políticas latino-americanas e educação. Entrevista feita em 28 de setembro de 2019. Por ligação, registrada em notas escritas;
- q) *Carla dos Santos, 33 anos, brasileira*: moradora da cidade Guajará-mirim, no estado de Rondônia, que faz fronteira com a Bolívia. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, a vivência na região de fronteira, a questão do idioma e educação. Entrevista feita em 10 de outubro de 2019. Por ligação, registrada em notas escritas;
- r) *Maria Fernanda Lira, 24 anos, mexicana*: nascida em Durango, no México, está no Brasil desde agosto de 2019, fazendo estágio para sua graduação em Engenharia Química feita em uma universidade mexicana. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina. Entrevista feita em 16 de outubro de 2019. Aproximadamente 33 minutos registrados em áudio;
- s) *Ana Karina Argumedo, 29 anos, colombiana*: natural de Planeta Rica, na Colômbia, faz mestrado de Medicina Veterinária desde 2018 na UFV. Seus depoimentos trataram sobre sua percepção do Brasil e dos brasileiros dentro da América Latina, a questão

política, do idioma e educação. Entrevista feita em 30 de outubro de 2019. Aproximadamente 35 minutos registrados em áudio;

Foi ainda feita uma entrevista com a professora de América Latina do Departamento de História da UFV, Priscila Dorella, cujas falas foram usadas como base teórica e guia de pesquisa, fazendo atentar-se a um ou outro ponto que seria mais relevante em cada discussão temática.

O roteiro de perguntas foi estabelecido de forma a tratar sobre os grandes temas que seriam discutidos no livro-reportagem: ancestralidade, formação de identidade-cultural e seu reconhecimento, o idioma como barreira e os produtos culturais, em especial, as artes como ponte. Traçado o esqueleto, as perguntas eram moldadas de acordo com a vivência de cada entrevistado e o que suas experiências poderiam contribuir mais ou menos para cada um desses grandes nortes.

Ainda diante das ideias defendidas por Marocco (2008), entendeu-se a escolha das fontes e o roteiro de perguntas de forma a salientar suas condições de sujeitos e autoridades de seus próprios discursos, atrelado sempre à ideia de subjetividade advinda do caráter das experiências individuais e seus reflexos na coletividade.

3.3. Escrita

O processo de escrita teve como base a concepção de jornalista-autor de Lima (2009), que entende o papel do repórter durante a escrita do material como algo além de passar informações objetivas, mas sim como aquele que busca enriquecer o texto com a criação de uma interpretação subjetiva, representativa de uma sociedade além dos fatos crus e que se apoia dos elementos literários para transmitir essa nova interpretação (LIMA, 2009).

Em decorrência deste ponto de partida e a definição de estruturas de livro-reportagem estruturadas através dos parâmetros da grande reportagem jornalística e o papel narrativo-argumentativo dos depoimentos, o livro-reportagem desenvolveu-se de forma que a autora, por meio de entrelaces de referências e ideias tanto de conceitos científicos quanto das experiências individuais de suas fontes, que vinham para trazer a camada de discussão de tais ideias - reforçando-as, refutando-as, individualizando-as ou generalizando-as. A partir da necessidade de estabelecer um diálogo e uma narrativa dialógica entre as visões de mundo das

fontes, o texto foi criado de forma a construir uma linha interpretativa que, sempre acompanhado da apuração científica, evidenciasse por que as fontes discursavam de determinada forma e o que isso representava dentro da discussão proposta.

Voltando-se aos ideais de Marocco (2008), além da apuração dos fatos nos moldes de produção do jornalismo e das bases teóricas científicas, o livro-reportagem permite que o autor recorra a fontes de outra natureza, que conversem com o debate proposto e tem como finalidade ressaltar uma face social (MAROCCO, 2008). No livro-reportagem “Gringos Hermanos” foram utilizadas letras de músicas, trechos de obras literárias, discursos de premiações e versos de poemas que tiveram como objetivo principal, uma vez discutindo o papel da arte como manifestação de uma cultura feita pelas pessoas, em caráter tanto individual quanto coletivo, e que manifestava de forma empírica certas ideias que norteavam a narrativa, mas permaneciam à primeira vista isolada no campo teórico, mas que precisava emergir dos discursos das fontes e dos produtos culturais criados pela sociedade.

A análise de matérias jornalísticas também moldou a discussão sobre o discurso midiático e a reflexão a respeito do papel do jornalismo na criação de ideias e fortalecimento de estereótipos discursivos.

Outra linha de pensamento que foi base do processo de escrita foi a necessidade de atender-se a um jornalismo voltado à humanização. Segundo Pereira (2006), desumanizar é tratar os indivíduos e, em especial suas fontes, uma vez que são voz ativa dentro da matéria jornalística, apenas como representantes padecentes de fenômenos aos quais eles são atingidos passivamente. Para ele, tal pretensão pode facilmente ser desmentida por um trabalho de apuração mais aprofundado, que revelaria que as ideias debatidas e tais fenômenos analisados agem de forma particularizada em cada indivíduo, mesmo que ela possa se refletir de forma semelhante em um contexto coletivo, as fontes estão em posições discursivas para, por meio de suas experiências individuais e visões subjetivas da sociedade, traçar hipóteses e questionamentos em âmbitos mais gerais (PEREIRA, 2006, p. 96).

Essa concepção foi seguida uma vez que as fontes sempre foram tratadas como indivíduos em uma dupla condição: ainda eram pessoas que contavam suas experiências individuais e poderiam expressar tal subjetividade de pensamento, ao mesmo tempo que sua condição enquanto cidadão de um país a colocava como porta-voz de um grupo maior de pessoas que compartilhavam características semelhantes e que elas que estavam e entrariam em discussão.

O processo de escrita levou 60 dias, de 1º de setembro de 2019 a 31 de outubro de 2019. Quanto à estrutura, optou-se por desmembrar os depoimentos de forma a contribuir com as diversas temáticas discutidas no decorrer do livro-reportagem. Diante disso, algumas fontes podem aparecer em diversos pontos de discussão durante o livro, uma vez que elas possuíam um discurso que conversava em alguma instância com o debate naquele momento. Estabeleceu-se o padrão de abrir os sete capítulos com uma fala de uma das fontes, que introduziria a discussão que sucederia. Ao final de cada capítulo, criou-se ganchos por meio de questionamentos, que de alguma forma não seriam respondidas no capítulo posterior, mas debatidas e tinham como objetivo promover reflexão acerca de hipóteses.

No decorrer da escrita, que foi intercalada com algumas entrevistas, também foram produzidas as ilustrações e foi pensada a comunicação através das cores e da imagem enquanto arte.

3.4. Ilustrações

A escolha de utilizar ilustrações no livro-reportagem veio do desejo de, atrelado à humanização do processo jornalístico, apresentar ao leitor quem eram aquelas pessoas que apresentavam suas vidas, ideias e opiniões e que contribuíram para a construção de uma reflexão que, de certo modo, extrapola suas próprias vivências. A intenção foi, de fato, dar rostos aos entrevistados.

A arte é um tema debatido pelo livro, em que se defende um de seus papéis e a forma como ela pode representar uma vivência individual e coletiva simultaneamente. Em decorrência disso, aliei a vontade pessoal de criar uma identidade visual para meu trabalho que tivesse uma veia mais artística com a metalinguagem que isso acarretaria com uma das discussões apresentadas na narrativa.

Enquanto repórter, também optei por ser ilustradora, onde por meio das artes visuais representei minhas fontes. A escolha de cores, não só das ilustrações como também da capa, foi baseada nos conceitos de psicologia das cores e como a escolha por uma ou outra pode carregar uma mensagem e fazer emergir um sentimento ou imaginário.

Para Farina (2006), as sensações passadas pelas cores, “derivando de hábitos sociais estabelecidos durante longo espaço de tempo, fixam-se atitudes psicológicas que orientam inconscientemente inclinações individuais” (FARINA, 2006, p. 87). A escolha das cores para

representar as ideias defendidas no livro-reportagem foram, antes de tudo, para fugir de certos estereótipos que certas cores traçam para a América Latina.

Optei por fugir de cores que são associadas, no contexto de debate sobre questões latino-americanas, à luta, problemas sociais ou política diretamente, como o vermelho, preto, verde e amarelo. Tais cores foram inseridas na representação da América Latina tanto por obras como “As veias abertas da América Latina”, de Eduardo Galeano, que trata de questões econômicas e políticas, como o movimento reggae que é, equivocadamente, associado à drogas e rebelião. Escolher tons de rosa, azul e lilás foi uma tentativa de seguir um caminho oposto a mensagem que as cores já citadas poderiam passar. Com as tonalidades claras e voltadas para ideias de calma e até mesmo feminilidade, as ilustrações e cores quiseram evidenciar o debate cultural, o nível subjetivo e, principalmente, a característica da arte como debatida no livro-reportagem.

No total, entram no livro 19 ilustrações (disponíveis em: 6. ANEXO deste memorial), que aparecem no decorrer do livro de forma que o leitor primeiro leia algum de seus depoimentos e posteriormente, seguindo com a leitura, veja o rosto por trás de cada declaração.

3.5. Diagramação e finalização

A fim de valorizar as ilustrações e permitir que suas intenções fossem passadas da forma pretendida, optei por também fazer a diagramação do livro-reportagem. Dentro dos preceitos de que a diagramação e o design editorial têm “como objetivo a criação da identidade e a organização das informações em publicações, de modo a proporcionar uma boa comunicação com o leitor”, como define Fernanda Sarmiento, escolhi alguns padrões que a estrutura do livro tomaria.

A escolha por um design minimalista, usando cores próximas, porém diferentes para destacar os depoimentos do texto do repórter, foi pensada de forma a facilitar para o leitor a diferenciação do conteúdo jornalístico apurado nos moldes da profissão das falas subjetivas, representadas pelos entrevistados.

Outra intenção com a diagramação minimalista foi a intenção de valorizar as ilustrações e as cores, que tinham como objetivo passar também uma mensagem, como explicado anteriormente.

O processo de diagramação foi realizado no programa InDesign, da Adobe, em três dias. Depois de pronta, foi revisada pelo designer gráfico e diagramador do Departamento de Comunicação Social e o arquivo foi enviado à gráfica, a fim de ser impresso em capa dura em formato de livro padrão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A premissa do livro-reportagem “Gringos Hermanos” foi, desde o início, criar uma oportunidade de debate, reflexão, discussão de hipóteses e, acima de tudo, estimular no leitor um olhar mais atento e minucioso à sociedade, tanto em sua concepção generalizada como em seus círculos sociais mais próximos.

Antes de trazer resoluções e fórmulas para solucionar os problemas e as questões levantadas, a narrativa queria trazer pontos de vista de pessoas que passaram a vivenciar a ideia de América Latina em sua vida cotidiana, como algo que as atinge diretamente e evidenciar que essa experiência é coletiva, mesmo que não percebida.

A escolha por debater e apresentar esta temática sobre essa ótica, atrelando o micro ao macro e vice-versa, foi uma forma de tentar evidenciar como certos estereótipos e preceitos que carregamos dentro de nós, às vezes nem sabendo de onde ou por quê, podem nos tornar indivíduos preconceituosos, xenofóbicos, ignorantes e, em algum ponto, injustos, e, conseqüentemente, refletir-se na sociedade.

Um dos principais pontos que surgiu durante a produção deste trabalho foi a necessidade de evidenciar, sempre que possível e necessário, a aparente contraditoriedade entre a receptividade externalizada e o preconceito internalizado dos brasileiros para com o que quer que fosse relacionado à América Latina.

Além das dificuldades de tratar com pessoas que nunca estiveram em situações em que debatiam, diretamente, assuntos como identidade ou imaginário, o que por vezes me deixou com sentimento de trazer depoimentos muito vagos, foi sanada pela intenção de, antes de fazer com que minhas fontes teorizassem e conceituassem tais termos - papel dos acadêmicos neste sentido -, que eles salientassem como debater essas ideias e tantas outras fazia sentido em suas vivências particulares, que por meio de depoimentos de experiências pessoais e

impressões subjetivas, puderam exemplificar como essas teorias aplicam-se na vida dos indivíduos e das coletividades de forma prática.

Uma grande satisfação e força para seguir com este trabalho nos moldes em que se deu foram as constantes respostas, tanto das fontes como de pessoas próximas a mim que me faziam sempre lembrar o quanto debater este assunto, para elas era inédito e importante, pois muito ouvi que “nunca havia pensado sobre isso!”, “nossa, é verdade! Nós não nos referimos como latino-americanos mesmo” ou até “sim, os brasileiros não se sentem latino-americanos, pude perceber logo, mas nunca havia pensado por quê”, que foram falas ouvidos por mim frequentemente desde que iniciei a produção deste projeto.

Por fim, o livro-reportagem “Gringos Hermanos” teve como única pretensão, independente de como seria estruturado e finalmente resultado, ser relevante socialmente, trazer reflexão, informação e provocar novas ideias aos leitores. Em nível pessoal foi minha tentativa de depositar neste processo o máximo de aprendizado que adquiri no curso de Comunicação Social, desde as teóricas até habilidades técnicas, o processo jornalístico enquanto forma de produção de conteúdo como também a execução deste de uma forma humanizada. Ademais, foi minha forma de seguir com o que acredito e quero para minha vida e onde vi o jornalismo o campo ideal não só para me expressar como para ter o alcance que alguns debates precisam ter.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESIGN EDITORIAL. Estúdio Fernanda Sarmento. Disponível em: <www.fernandasarmento.com/design-editorial/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores**. São Paulo, SP: Editora Edgard Blücher, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. 1.ed., 1.reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Páginas ampliadas: livro-reportagem como extensão do jornalismo**. São Paulo, SP: Editora Manole, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MAROCCO, B. **Reportagem de transgressão, um giro no tratamento da fonte jornalística**. In: Ilha do presídio: uma reportagem de ideias. Porto Alegre, Libretos, 2008.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA Jr, L. C. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2006.

6. ANEXO





